

Fim-de-Semana



AMÉLIA DALOMBA, POETISA

**“Só a partilha é capaz de garantir
segurança e estabilidade”**

Amélia Dalomba e a editora Palanca resolveram juntar num único livro toda a obra poética da escritora, preenchendo assim, de uma assentada, o vazio que se fazia sentir nas livrarias e noutros pontos de venda, no concernente aos livros publicados pela autora.

Horóscopo



CARNEIRO de 21/03 a 20/04

Nesta semana, as manifestações de afecto e carinho serão uma constante na sua vida. Se tiver uma relação duradoura, esta conhecerá uma maior solidez ou uma transformação num sentido muito positivo.



TOURO de 21/04 a 20/05

Nesta semana, pode ter toda a força e energia para re-começar uma nova etapa na sua vida. Os casais que se encontram em fase de desgaste ou possível ruptura podem, fruto do diálogo e bom entendimento, ultrapassar dificuldades que possam ter surgido nas suas vidas.



GÉMEOS de 21/05 a 20/06

Nesta semana, pode ter toda a força e energia para re-começar uma nova etapa na sua vida. Os casais que se encontram em fase de desgaste ou possível ruptura podem, fruto do diálogo e bom entendimento, ultrapassar dificuldades que possam ter surgido nas suas vidas.



CARANGUEJO de 21/06 a 21/07

Nesta semana, pode não ser o melhor período para tomadas de posição definitivas. Pense antes de agir. Tente tomar uma atitude mais segura e de confiança na pessoa amada. As crises de ciúme são algo que deve tentar eliminar da sua vida.



LEÃO de 22/07 a 22/08

Nesta semana, os relacionamentos amorosos estão envoltos em harmonia. Se recentemente entrou em fase de ruptura com o ser amado, tem neste período as melhores condições para obter a reconciliação desejada e a revitalização de sentimentos mútuos.



VIRGEM de 23/08 a 22/09

Nesta semana, pode assumir uma nova relação que de um modo geral pode não ser bem vista pelos outros. Lute pela mesma se estiver certo que é positiva para a sua vida. Se tiver filhos há que dispensar maior atenção ao seu crescimento e desenvolvimento.



BALANÇA de 23/09 a 22/10

Nesta semana, se estiver em início de uma relação, deve munir-se de todos os cuidados para não melindrar o seu parceiro. A tendência é para tudo terminar sem olhar os meios para atingir os fins. É tempo para reflectir, mas não tempo para reagir.



ESCORPIÃO de 23/10 a 21/11

Nesta semana, novas conquistas podem surgir, deve avançar sem receios e falsas modéstias. Exponha os seus sentimentos de forma clara, provoque a sua felicidade. Se vive em comunhão com o ser amado, mime-o, faça renascer o fogo da paixão.



SAGITÁRIO de 22/11 a 21/12

Nesta semana a boa disposição e vontade de transmitir essa sensação aos que o rodeiam, no amor atravessa um período forte e radioso. Porém deve ter cuidado para não cair em atitudes egocêntricas.



CAPRICÓRNIO de 22/12 a 20/01

Esta semana é ardente e tórrida, onde os seus impulsos estão fortemente ligados à sua afectividade. Viva a vida, sem contudo ter atenção que o seu parceiro também tem os seus desejos e fantasias que gostaria de ver atendidos.



AQUÁRIO de 21/01 a 19/02

Nesta semana, não confunda atracção física com sentimentos. Este é um período em que pode viver momentos escaldantes, contudo são passageiros e sem significado para um futuro a médio prazo. Atenção às relações duplas, não corra riscos desnecessários.



PEIXES de 20/02 a 20/03

Nesta semana, vai ficar dividido entre dois amores, a paixão e a liberdade. Se, por um lado, quer junto de si alguém para amar, por outro o desejo de viver a vida em liberdade é muito grande. Encontrar alguém que aceite as duas vertentes é difícil, mas não impossível.

Angola

EDMUNDO EUCLÍO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Dembos

Localizado a 180 quilómetros a norte da cidade de Caxito, capital da província do Bengo, o município dos Dembos possui quatro comunas, designadamente Piri, Kibaxe, Paredes e Coxé, uma superfície de mil 170 quilómetros quadrados e uma população estimada em 30 mil e 58 habitantes. A população dos Dembos dedica-se à agricultura de subsistência e à caça.

Fazem anos esta semana



Pepe

Képler Laveran de Lima Ferreira, mais conhecido por Pepe, nasceu em Maceió, a 26 de Fevereiro de 1983, é um futebolista luso-brasileiro que actua como central e volante. Actualmente joga pela equipa do Beşiktaş e pela selecção portuguesa.

Diego

Diego Ribas da Cunha, mais conhecido como Diego, nasceu em Ribeirão Preto, a 28 de Fevereiro de 1985, é futebolista e joga na posição de meio campista, defendendo actualmente as cores do Flamengo e da selecção brasileira.

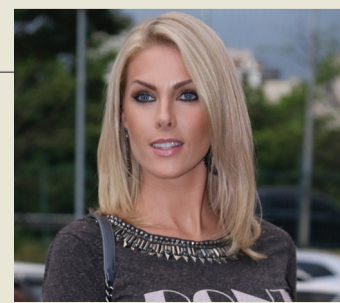


Alexandre do Nascimento

Alexandre do Nascimento nasceu em Malange, a 1 de Março de 1925, é um cardeal católico angolano, ordenado padre em 1952. Logo depois, tornou-se professor de Teologia Dogmática no Seminário Maior de Luanda. Quando começou a guerra civil angolana, em 1961, exilou-se em Lisboa, de onde voltaria dez anos depois.

Ana Hickmann

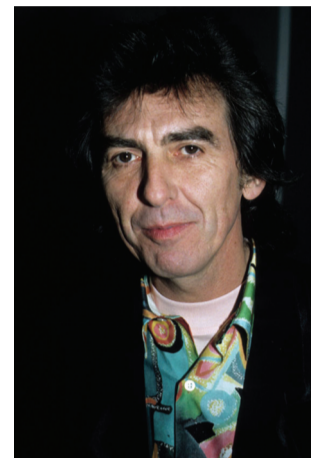
Ana Lúcia Hickmann Corrêa nasceu em Santa Cruz do Sul, a 1 de Março de 1981, é modelo, apresentadora de televisão e empresária. Actualmente apresenta o programa "Hoje em Dia", da TV Record. Foi eleita pela revista GQ Itália uma das 10 mulheres mais bonitas do mundo em 2001.



Saiba

George Harrison

George Harrison foi guitarrista britânico e obteve fama internacional enquanto integrante do grupo musical Beatles. Foi igualmente cantor, compositor e produtor musical e cinematográfico.



Napoleão Bonaparte

Napoleão Bonaparte foi um líder político e militar durante os últimos estágios da Revolução Francesa. Adoptando o nome de Napoleão I, foi Imperador dos Franceses de 18 de Maio de 1804 a 6 de Abril de 1814, posição que voltou a ocupar por poucos meses em 1815. O Código Napoleónico teve uma grande influência na legislação de vários países.

Winston Churchill

Winston Leonard Spencer-Churchill foi um político conservador e estadista britânico, famoso principalmente pela sua actuação como primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. Foi primeiro-ministro britânico por duas vezes (1940-45 e 1951-55). Orador e estadista notável, também foi oficial no Exército Britânico, historiador, escritor e artista. É o único primeiro-ministro britânico a ter recebido o Prémio Nobel de Literatura e a cidadania honorária dos Estados Unidos.

Frédéric Chopin



Frédéric François Chopin foi um pianista e compositor para piano da era romântica. É amplamente conhecido como um dos maiores compositores para piano e um dos pianistas mais importantes da história. A sua técnica refinada e a sua elaboração harmónica vêm sendo comparadas historicamente com as de outros grandes compositores, como Mozart e Beethoven, assim como sua duradoura influência na música até aos dias de hoje.



LÁZARO RAMOS E TAÍS ARAÚJO EM ANGOLA

Casal esteve no país a gravar últimas cenas da série “Mister Brau”

Os actores Lázaro Ramos, Taís Araújo e Luís Miranda estiveram em Angola, durante seis dias (16 a 21 de Fevereiro), para gravar as últimas cenas da série “Mister Brau”, uma produção da Rede Globo, no ar desde 22 de Setembro de 2015.

César Esteves

Lázaro Ramos disse que a escolha do país, para a gravação das cenas que vão colocar um ponto final à série, foi uma forma que se encontrou para responder ao carinho que os angolanos sempre demonstraram para com a mesma. “A gente sabe que o programa é muito visto por aqui, porque as pessoas conversam com a gente através das redes sociais e nos falamos do que achamos do Brau”, salientou, para acrescentar que foi uma forma que se encontrou para prestar uma homenagem especial aos angolanos, por serem seguidores fiéis da série. “Vamos mostrar muito de Luanda”, declarou.

Taís Araújo, que encarna a personagem Michele na série, revelou que as cenas gravadas no país vão revelar um forte afecto dos actores para com o país. “Vamos

mostrar a nossa relação de afecto com Angola”, revelou.

A actriz, que já visitou o país mais de uma vez, informou que algumas cenas, que retratam Angola, já começaram a ser gravadas no Brasil. “Aqui demos apenas continuidade”, esclareceu.

Lázaro Ramos disse não ser a primeira vez que Angola se faz presente na série “Mister Brau”.

“Antes de o Yuri entrar em acção, já se falava muito do país”, avançou, acrescentando que, além disso, o DJ Falcão, também angolano, fez todas as temporadas. “Nas cenas de festas do “Mister Brau”, era ele que embalava o pessoal”, revelou.

Retomando a palavra, Taís Araújo deu a conhecer que a linha de roupa que usou durante as gravações foram feitas por uma estilista angolana, cujo nome não revelou.

Acrescentou que um dos objectivos, ao gravarem as

cenas do “Brau” no país, é mostrar para o Brasil, e não só, a nova imagem de Angola. “Queremos levar as imagens dessa Angola moderna, viva e fervendo culturalmente. Não queremos levar a imagem do país de há uns anos. Vamos mostrar as grandes mudanças que estão a acontecer aqui”, frisou.

“Eu adoro trabalhar com o Lázaro. Fica tudo mais leve. A gente é da mesma galera e sei sempre onde ele está”

Lembrou que a primeira vez que veio a Angola, ainda com 18 anos, o país ainda estava em guerra e com uma imagem que não o dignifi-

cava. Agora com 39 anos, Taís Araújo disse que essa realidade já não se verifica e há agora fortes sinais de progresso

Perguntados se têm noção da influência que causam na vida de muitos casais angolanos, Lázaro Ramos disse estar informado disso, mas alertou que, à semelhança de muitos casais, também passam por momentos difíceis, mas que procuram sempre ultrapassá-los para o bem da relação e da família.

Taís Araújo acrescentou que, diferente de muitos casais, que não conseguem trabalhar juntos, eles conseguem normalmente e até se sentem bem melhor quando se cruzam. “Eu amo trabalhar com o Lázaro. Fica tudo mais leve. A gente é da mesma galera e sei sempre onde ele está”, disse.

Luís Miranda, que visitou o país pela primeira vez, revelou que, ao chegar ao país

pretendia pôr a funcionar o seu espanhol para se comunicar com as pessoas, mas notou que era desnecessário pois apercebeu-se que estava num país que fala a mesma língua que o seu.

As cenas foram gravadas no Distrito Urbano do Sambizanga, Museu da Escravidão, Catambor e Rocha Pinto.

Mister Brau é uma série de televisão brasileira produzida e exibida pela Rede Globo. O roteiro é escrito por Jorge Furtado e conta com Lázaro Ramos, Taís Araújo, Luís Miranda, Cláudia Miskura, Kiko Mascarenhas, Marcelo Flores, George Sautura, Catambor e Rocha Pinto.



VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



AMÉLIA DALOMBA, POETA

“Só a partilha é capaz de garantir segurança e estabilidade”

Amélia Dalomba e a editora Palanca resolveram juntar num único livro toda a obra poética da escritora, preenchendo assim, de uma assentada, o vazio que se fazia sentir nas livrarias e noutros pontos de venda, no concernente aos livros publicados pela autora. O volume de 436 páginas, intitulado “Antologia”, foi lançado na quinta-feira, em Luanda, no Camões/Centro Cultural Português. Isso era motivo mais do que suficiente para encetarmos uma conversa com a poeta. Numa cidade fustigada pelas chuvas, com os corredores de trânsito estreitos e outras decorrências lamentáveis, o meio prático encontrado para a “conversa” foi a troca de emails. E o resultado é o que se segue.

Isaquiél Cori

Pode falar-nos do que terá contribuído para que se tornasse amiga da leitura? Terá sido o ambiente familiar, as influências pessoais?

Foi através da influência familiar. Os serões eram recheados de estórias que os meus pais contavam, sobre o Lobo e o xibinho, cazumbis e o homem do saco, primando a minha infância por cores e imagens. Devo aos meus pais, em particular a minha mãe, o hábito de olhar para o céu estrelado, contar as estrelas e tentar “perceber” figuras, imagens, nas nuvens. Toda essa fantasia povoou o meu imaginário e logo que aprendi a ler as estórias infantis fizeram morada e ala-

vanca, creio. Devo também, com imensa gratidão, aos meus professores.

“Devo aos meus pais, em particular a minha mãe, o hábito de olhar para o céu estrelado, contar as estrelas e tentar ‘perceber’ as figuras, as imagens nas nuvens”

Quais os livros e/ou autores que mais a terão influenciado na infância/adolescência?
Livros de banda desenhada (tio Patinhas e outros), “Bran-

ca de Neve e os Sete Anões”, “A Gata Borracheira”, “O Patinho Feio”, etc... Já na adolescência li mais. Lia tudo o que encontrava, o “Conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas, (graças ao meu pai que adorava esse livro), fotonovelas, “Os Lusíadas”, de Camões, os livros escolares, etc... Leio tudo o que me chega, interessa e tenha possibilidades de comprar. Os livros, autores e temas que me foram influenciando, e até os mais recentes, para além dos infantis, são a Bíblia, literatura oral, Lobsang Rampa, literatura diversa sobre o cosmos, Alan Kardec, mitologia, história, política, ciências humanas, Marx, Lênine, Malcom X, biografias, o Diário de Sofia, “A História Ver-

dadeira de Domingos Xavier”, de Luandino Vieira, Alda do Espírito Santo, Agostinho Neto, Viriato da Cruz, Bessa Victor, António Jacinto, Vinícius de Moraes, poetas e escritores brasileiros, Florbela Espanca, Alda Lara, as obras de Dale Carnegie, de Chinua Achebe, Amílcar Cabral, Saramago, “Os Muitos Caminhos da Vida”, de Jan Val Eom, Carlos Ferreira “Cassé”, Agualusa, António Pitra Neto, Aires de Almeida Santos, Ernesto Lara Filho, o “Diário” de Deolinda Rodrigues, Jofre Rocha, João Abel, José Régio, Manuel Alegre, Al Berto, “Mayombe”, de Pepetela, “Quem me dera ser onda”, de Manuel Rui, e outras obras deste autor, “Mestre Tamoda”, de Mendes de Carvalho, Boa-

ventura Cardoso, Paula Tavares, as obras de Jorge Amado, Paulo Coelho, José Martí, Neruda, Garcia Marques, Hemingway, todos os escritores e poetas angolanos e do mundo cujas obras tive a sorte de ler, os livros de formação, académicos, e tantos outros das gerações posteriores à minha. Peço a compreensão de autores que não pude citar por razões óbvias, de espaço.

A leitura é fundamental para o surgimento de novos escritores?

Sim. Referências, estilos, inspirações, são importantes. Com as novas tecnologias, encontramos já um enorme mundo de informação e até porque o domínio da palavra e da língua em que queiramos

comunicar precisa de leitura, isto para novos e velhos escritores. A leitura, o conhecimento, a informação, são instrumentos importantes para a criação. Entretanto, como falarmos em leitura, quando temos fenómenos como António Aleixo, o poeta português que era iletrado? Significa que a leitura tem várias componentes, que não passam apenas pelo livro, televisão, novas tecnologias. A leitura passa também pelo olhar do escriba, todas as vivências e convivências com o que o rodeia e com tudo a que o seu imaginário dá acesso. E, porque não, a conspiração cósmica?

Como decorreu o seu processo de amadurecimento e de auto-confiança

enquanto poeta: contou com o apoio de mestres ou encontrou o seu caminho sozinho?

Contei com muito apoio e incentivos de nomes de referência da literatura angolana e de outras nacionalidades, a quem agradeço os gestos benevolentes: António Jacinto, Luandino Vieira, Ndunduma, Manuel Rui Monteiro, António Cardoso, Corsino Fortes, Gabriela Antunes, João Melo, Francisco Soares, Jorge Macedo, João Saraiva, Rogério de Almeida Freitas e Ana Lúcia de Sá. A par disso, os meus pais, o meu saudoso irmão Egídio Torres, professores, filhos, marido, irmãos, colegas e amigos. E particularmente da União de Escritores Angolanos e da imprensa.

Quando que é se sentiu, verdadeiramente, poeta? Houve um “click” ou o processo foi paulatino?

Ainda não me sinto poeta. Apesar de todos esses anos a fazer da poesia uma amiga de travesseiro e ombro amigo, onde extravaso o que me vai na alma e ao meu redor, com grande esforço, sinto-me aprendiz. Aprendiz de tudo a que a vida me vai obrigando a ver, sentir e tocar. Com

toda a sinceridade, escrevo pelo prazer que me dá, a catar-se natural ao encontro do imaginário. Tenho lido muito. Destaco aqui e principalmente, a literatura oral. Daí, ter os pés no chão e muitas vezes voando, o que me dá a consciência da minha humilde condição.

A poesia, na sua vida, ocupa um lugar próprio, especial, ou é toda a sua vida?

A poesia é companheira de todos os momentos, ainda que nem sempre a percebamos eriçando a pele, batendo a porta da alma e do coração, com as suas exaltações alegres e padecimentos.

Pertenceu à Brigada Jovem de Literatura ou a alguma outra organização de cariz literário-oficial?

Lamentavelmente, não pertenci à Brigada Jovem de Literatura, nem a nenhuma outra do género. Exercito o auto-didactismo desde cedo, pois, nunca sabemos tudo e para aprendermos o que quer que seja, com alguma propriedade, temos que ser continuamente amantes do saber. Dentro daquilo que nos interessa, tenhamos tempo e queiramos aprender. As escolas dão-nos as

muletas, as bases fundamentais para caminharmos, mas o caminho deve ser feito e bem alimentado por nós, em todos os momentos. Parafraseando Jean Piaget, “nós só aprendemos o que gostamos”. Mas, até para aprendermos o máximo do que gostamos, devemos ser continuamente estudiosos e pesquisadores da matéria, pela vida inteira.

Que conselhos dá aos novos poetas?

Dependendo da língua em que queira comunicar é importante dominá-la através da gramática, dicionários, história da literatura universal, convivência social, humana, grande capacidade de observação, sensibilidade, olhar e ouvidos apurados.

Há uma pergunta clássica que se faz aos poetas: para que serve a poesia?

Para ser vivida no florescer das emoções, razões e necessidades de evasão, de um mundo tão marcado pelo rezeamento constante dor/alegria...

Também é declamadora e cantora. Além de poeta e escritora para crianças. De todos esses, qual é o

“casaco” que mais a satisfaz, que mais lhe dá gozo?

Mais de metade é sofrença, ansiedade, revezamentos entre choro e riso. O “gozo”, em todas essas formas de expressão, é, no final de tanto esforço e trabalho, a satisfação de ter feito algo com a sensibilidade das minhas mãos e o partilhar. A música e a poesia acompanham-me em tudo. Não sei se por terem sido o meu primeiro contacto com a arte, marcam muito a minha alma, sem preterir os outros gozos, claro.

“A poesia é companheira de todos os momentos, eriçando a pele, batendo a porta da alma e do coração, com as suas exaltações alegres e padecimentos”

A Amélia parece ter alguma predisposição para a vida associativa, pois pertence a várias associações. Isso é indicador da importância que dá à Sociedade Civil? Sim. Teremos de facto uma Sociedade Civil? Não faço nada de mais ou superior ao

que tantos de nós têm feito. É nosso dever servir com o que pudermos, para um mundo melhor. Só a partilha é capaz de garantir segurança e estabilidade em todos os sectores da vida de qualquer um. “Fora da caridade não há salvação”, escreveu Alan Kardec, inspirado por Jesus.

A antologia poética reúne o melhor da criação poética, é o best of da produção poética. No seu caso, o que a levou a partir para uma auto-antologia poética? Quais os critérios que a fizeram escolher o que está na antologia em detrimento de outras criações?

Não dependeu de mim. Não é um best of. Nela tenho todos os livros publicados nestes mais de vinte anos de escrita. Devo à Editora Palanca, ao dr. Luís Neves e ao Paulo Matos, por terem conseguido trazer a público todos os meus livros, reunidos em um só volume de 436 páginas. É de lembrar que, se passarem pelas livrarias em Angola, encontrarão muito pouco, quase mesmo nada, dos meus livros. Não fiz uma auto-antologia. A Editora Palanca assumiu a obra e ela aí está. Não houve escolhas de textos, em detrimento de

nenhum. Todos os textos estão na Antologia.

A antologia significa que está a criar o cânone da sua própria obra, a dizer, digamos, aos leitores: “isto é o melhor da minha obra, não considerem o resto”?

Não. Tudo o que foi editado até aqui consta do livro. Não há restos, nem pretensões exacerbadas da minha parte, em querer impor aos meus leitores seja o que for. Restos de mim! Seria um bom título para um livro. Mas, pensando bem, o que serão, os meus restos? Quando a Editora Palanca contactou-me, manifestando a pretensão de editar o livro, eu agradeci ao Pai Amantíssimo, por tamanho milagre.

Não é todos os dias que alguém, como eu, consegue uma dádiva dessas. Pela informação que tenho há outros escritores angolanos com obras por publicar pela mesma editora. Título, apresentação gráfica, etc., foi tudo bastante discutido. Eu preferia que se chamasse Colectânea, por exemplo, mas após um debate bastante construtivo, a editora fez precisamente o livro que temos em mãos e que em meu coração habita tranquilo.

Fortuna crítica de Amélia Dalomba

“Amélia Dalomba tem desenvolvido uma vocação poética única no panorama literário da sua geração e, mesmo, no panorama literário angolano. (...) De um para outro livro, intensificou-se a contensão, a densidade e a sugestão, para além de ter apurado o sentido de beleza. Os poemas agradam pela magia, pela metaforização, que surpreende e apraz. Ao mesmo tempo vinculam-se a uma linha crítica incisiva, onde o feminino se afirma cada vez mais e onde a ironia se apura, sem se alhear do presente nem da veemência. Continua também a provocar a sensação de naturalidade com que vive e sofre a sua África e a sua Cabinda, mas também a humanidade”.

Francisco Soares, Professor de Literatura

“A menina mayombina denuncia certamente o desespero que vai na alma de tanto angolano desesperançado (os que vão abandonando as suas terras de origem, acossados pelas batalhas, os mutilados, as quitadeiras que não comem para venderem o pão com que tentam ganhar mais pão para tanto filho), personagens que preocupam a poetisa angolana, tais como as crianças de rua.”

Jorge Macedo, Escritor

“Amélia revela nestes versos uma quase obsessiva intenção de não perder a ligação entre a palavra

e o ritmo que possibilite uma umbilicalidade entre a poesia e a música (...). No sentir, o laboratório dos sentidos para a escrita, percebe-se à primeira vista, que é mesmo feminino.”

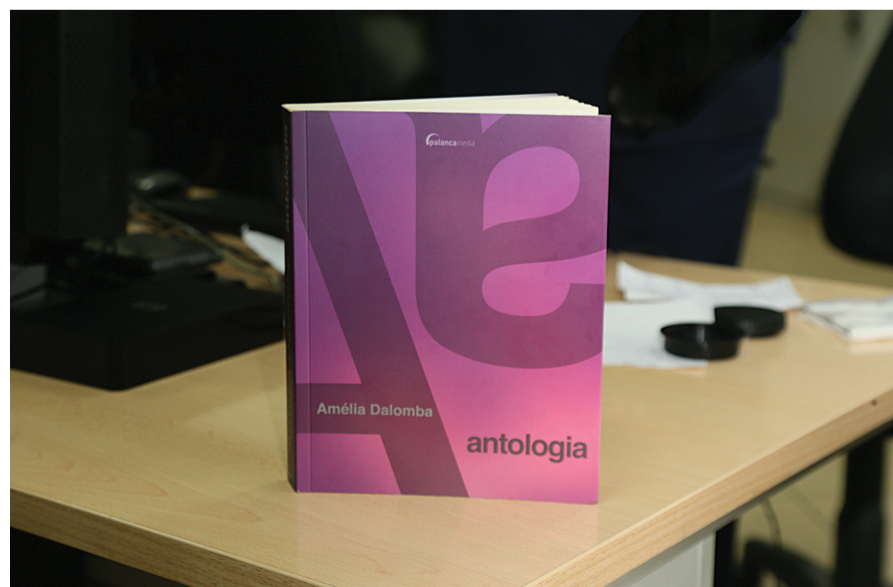
Manuel Rui, Escritor

“A reflexão sobre o estado da humanidade realiza-se pela palavra poética: substitui-se a palavra imediata e evidente pela palavra dissimulada e metafórica. Recorre-se à arte pictórica como motivo de eternização de uma poética Madrid sangrenta, evocam-se realidades já representadas para revelar novos males, ou antes, novas actualizações de velhos males, como a fome, a morte, a ira, as situações de injustiça a nível mundial, a incompreensão, o abatimento, a desigualdade abissal de riqueza entre os diversos mundos que constituem (ou que deveriam constituir...) a humanidade.”

Ana Lúcia de Sá, Professora de Literatura

“A chuva dos dedos faz surgir poemas de incensurável encanto. Na curva das folhas mora a sede de transfigurações várias. A voz da mente repica insistentemente sobre nossa pureza mais íntima, esse lugar onde está congelado o desejo de estruturar uma poesia límpida como os pastos no orvalho das manhãs sibilinas.”

Adriano Mixinge, Crítico de Arte




TONTA AFONSO CASTRO
Filiação

Tonta Álvaro Castro e Emiliania Maria.

Naturalidade

Mbanza Congo

Estado Civil

Casado com Celestina Castro

Filhos

Doze. São já senhores. O mais velho tem 50 e a mais nova 19

Músico

As Gingas, Francó e Sam Mangwana.

Hobby

Leitura, ciência mística (Deus existe e posso falar com Ele. Ele entende)

Bebida

Vinho Tinto. Um copo por dia.

Línguas

Falo francês e lingala melhor que português

Habilitações literárias

12º ano do liceu, dois anos de Academia Militar e muitos estágios dentro e fora do país.


EDNA CAUXEIRO CONVERSA COM O GENERAL TONTA

O general que fez recrutar trajado de saias

Não obtive do pai o apoio para ingressar no serviço militar. Foi a mãe que mais o incentivou a fazê-lo, apesar do perigo que tal decisão representava. “Somos apenas dois irmãos e sou o mais velho. O meu pai teve medo que eu morresse, mas eu quis muito combater pelo meu país e contra os portugueses”, revelou.

Aos 19 anos ingressou no leque de soldados da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA). Natural de Mbanza Congo, província do Zaire, Tonta Afonso Castro rumou com os pais, ainda menino, ao Congo Brazzaville, em busca de melhores condições de vida.

Foi naquele país vizinho que fez estudos até ao 12º ano do liceu e trabalhou numa loja de mobiliários, antes de tomar a decisão, em 1966, de ingressar no leque de soldados da FNLA, movimento de libertação nacional na luta contra o colonialismo, ao qual os pais pertenciam.

Não obtive do pai o apoio para ingressar no serviço militar. Foi a mãe que mais o incentivou a fazê-lo, apesar do perigo que tal decisão representava. “Somos apenas dois irmãos e sou o mais velho. O meu pai teve medo que eu morresse, mas eu quis muito combater pelo meu país e contra os portugueses”, revelou.

Em meio a dificuldades de vária ordem, Tonta e companheiros da base de Kinkuzu, localizada a mais de duzentos quilómetros do Congo Kinshasa, cortavam lenha, cozinhavam e transformavam saias em calções para fazerem os treinos militares.

“Faltava de tudo um pouco. Inclusive roupa, comida e medicamentos. Fazíamos exercícios

com saias porque a ONU dava balões de fardo para os refugiados angolanos no Congo e, quando chegassem apenas roupas de senhora à base, amarrávamos as saias para fazer calções, mas tínhamos a sorte de eu ter recebido uma máquina de filmar de oferta, do meu pai, que era considerado o melhor fotógrafo do Congo Brazzaville. Às sextas feiras eu saía para o mercado, fotografava pessoas e dava as fotos ao meu pai, que as revelava para eu vender aos donos das fotos. Dava-lhes as fotos em troca de alimentos”, conta o general.

Dois anos após o ingresso na tropa, fruto do nível académico superior ao dos companheiros, Tonta é enviado à Tunísia pela direcção da FNLA para frequentar a academia militar. “Tinha 21 anos e já havia concluído o 12º ano do Liceu antes de ingressar no exército da FNLA”.

Amante de números, o general Tonta estudou várias disciplinas do ramo das ciências exactas, a par das táticas militares. Ao fim de dois anos de academia, aos 23 anos, foi promovido a sub-tenente. “Era para continuar os estudos lá, mas o presidente Holden Roberto foi visitar-nos e soube que eu era sub-tenente. Falou com o director da escola e comigo,

pediu que eu regressasse porque precisava de quadros”.

De regresso ao Congo foi nomeado conselheiro do chefe do estado-maior do exército da FNLA. Assumiu, igualmente, a tarefa de dar treinos e transmitir os conhecimentos adquiridos na Tunísia aos soldados. Além de Tonta, outros quadros tinham regressado de outra formação na Índia. “Poucos sabiam fazer alguma coisa a nível militar. Ao lado do comandante Margoso, que tinha sido o meu instrutor, Ludi Kissassunda e o comandante Ngongotó começamos a formar os homens na arte militar, arte da guerrilha, como devem combater, como montar e desmontar uma arma, como fazer emboscada, etc...”, revelou o comandante Tonta.

Pessoa de trato e sorriso fáceis, fala abertamente de aspectos aparentemente constrangedores e resume-se como homem que ajuda o próximo e coloca no prato dos seus seguranças o mesmo que come. Às senhoras, o general considera seres tão especiais quanto os homens. “Nunca inferiores. Por isso é que quando a minha mulher está cansada eu cozinho”, ressaltou o crenete que deixou de frequentar igrejas porque não quer ser baptizado. “Como é que vou saber se alguém é puro

o suficiente para colocar as mãos sobre a minha cabeça? Acho que todos podemos ouvir Deus. Basta estarmos na frequência D'Ele. Deus não comete erros, nós é que não estamos a entendê-lo”.



Dois anos após o ingresso na tropa, fruto do nível académico superior ao dos companheiros, Tonta é enviado à Tunísia pela direcção da FNLA para frequentar a academia militar

Questionado se está na frequência de Deus e se costuma ouvi-lo, o general fez saber que “ao longo desses anos de guerra nenhuma bala entrou no meu corpo e nem vai entrar”.

Amigo da esposa e dos filhos, Tonta Afonso Castro considerou excelente a sua relação com eles, com quem se ri, brinca e

discute vários assuntos. Todos os meus filhos são meus amigos. Nunca bati num filho, mas quando comportam-se mal puno-os.

TONTA RESPONDE “O general sou eu”
De que maneira pune os seus filhos quando acha necessário?

Vou dar dois exemplos: o meu filho mais novo, está na polícia agora, estava a conduzir um carro sem carta de condução. Conversei com ele, avisei que não é bom fazer isso. Um dia foi com os amigos à Ilha de Luanda a conduzir e, no regresso, a polícia mandou-lhes parar. Fugiram e a polícia perseguiu-os. O pneu deles estourou. O meu filho foi para a cadeia. Os amigos dele vieram avisar-me, mas não fiz nada, deixei-o entrar na cadeia, para aprender. Disse à minha esposa que ele não ia morrer por isso. Só que a pessoa que recebeu o documento dele trabalhou comigo no Huambo. Disse ao meu filho: 'se o teu pai é general não vai aparecer aqui. No terceiro dia foi transferido para a Comarca. A mãe dele e os irmãos foram vê-lo e vieram a chorar porque encontraram-no magro. Depois de 24 dias lá preso o meu amigo chamou o

meu filho e disse-lhe: 'o teu pai é um verdadeiro general. Podias fazer um mês aqui, mas vamos te soltar sem colocar esse delito no teu cadastro. E vai tirar carta de condução. Quando ele voltou para casa disse-me: 'papá, uma pessoa que vai para a cadeia duas vezes é maluca. É muito sofrimento lá'. Hoje tem 25 anos, podes dar-lhe a chave de qualquer carro, ele não mexe.

O outro meu filho trabalha numa plataforma. Esses homens que trabalham em plataformas quando vão para casa gostam de beber. Foi à bomba do Sukissa comprar duas grades de cerveja e começou a beber lá mesmo. Era o dia da inauguração da bomba, o polícia mandou tirar os carros de lá, ele recusou-se e bateu no polícia, que desmaiou. Os outros polícias agrediram-no e levaram-no ao posto de polícia mais próximo. A mulher dele veio cá a casa a chorar e disse que ele não tinha feito nada. Fui para lá. Estava trajado a civil, o polícia que me atendeu não me reconheceu. Insultou-me. Disse que eu era daqueles pais que não sabiam educar os filhos. O meu filho, da cela, ouviu a minha voz, arrancou a porta da cela. Mande-o de volta à cela. Ele obedeceu-me. Algemaram-no,



rebtou as algemas. Gritava que não era criminoso. Mande-lhe subir para o carro da polícia e foi transferido para outra unidade. O comandante da outra unidade conhece-me. Pelo nome, deu conta que era meu filho e telefonou-me a perguntar como é que eu mandei o meu filho ir para a esquadra. Eu disse-lhe que não se preocupasse, mas que o agente que me atendeu faltou-me com respeito. Mais tarde o agente pediu-me desculpas. Só lhe respondi que nenhum pai educa mal o filho dele. O comandante quis soltar o meu filho, não deixei que o soltassem sem que antes pedisse perdão ao comandante da esquadra em que ele arrancou a porta da cela. A segunda condição era que ele mandasse reparar a cela com o dinheiro dele. Só assim podia ser liberto. Mandou reparar a cela e hoje é amigo do comandante. Andam mesmo juntos.

Por que razão age com essa firmeza quando os seus filhos se envolvem em conflitos?

Primeiramente para a própria

segurança deles. Depois porque devo educar os meus filhos segundo as normas sociais. Não podem fazer o que lhes convém. O general sou eu, eles são meus filhos, devem fazer o que é correcto. Não lhes bato, dou tudo o que eles precisam, que esteja dentro das minhas possibilidades. Então não permito que um filho meu vá bater num polícia. Se o polícia, dentro do seu direito de autoridade, lhe desse um tiro? Tinha o direito de o fazer porque foi agredido. Não posso tolerar isso. Se um filho comete erros deve pagar por isso.

Considera milagre o facto de nunca ter apanhado um tiro?

Não é milagre porque se sou fotocópia de Deus, sou Deus. Deus me criou à sua imagem e semelhança. Nós negamos isso, por isso temos muitos problemas. O segredo é ligar a frequência, o canal de Deus, e estar em contacto permanente com Ele. As pessoas procuram Deus no céu. Não está no céu, está em ti. É preciso só saber a frequência dele.

Fale-me dos seus pais. Estão vivos?

Não. Enterrei o meu pai aqui, está no Cemitério do Camama. A minha mãe está enterrada na nossa aldeia. Quando voltei a Angola trouxe-os vivos. O meu pai morreu de velhice e a minha mãe de cancro nos ossos. Viveram comigo em minha casa, aqui em Luanda.

“Sou o chefe da família toda porque sou o mais velho dos rapazes. Os meus familiares, quando têm problemas, vêm me consultar”

Qual era o sentimento deles quando olhavam para si?

Muito contentes. Vieram a Luanda de avião, foi a primeira vez

que viajaram de avião. E viam-me a comandar pessoas. Estavam muito orgulhosos. Sou o chefe da família toda porque sou o mais velho dos rapazes. Os meus familiares, quando têm problemas, vêm me consultar.

O que significa para um comandante que está habituado a dirigir homens atingir a idade da reforma?

É um pouco difícil, tenho ido ao Estado-Maior conversar com os meus amigos e, como fui conselheiro do Chefe do Estado-Maior, o General Nunda, não tenho problemas. Mas deviam ver a nossa situação. Eu não devia mais ter problemas nem pedir a A ou B certas coisas.

ACONTECEU COMIGO A morte do meu filho

No mês de Novembro de 2017 perdeu um filho, vítima de acidente na Via Expresso. “Tinha 24 anos. Vimos a notícia da morte dele no Facebook. Publicaram a foto e a fotocópia do BI dele. Foi assim que sou-

bemos. Um sobrinho meu viu e avisou-nos. Mande o meu filho mais velho ao hospital, 20 minutos depois ele me confirmou a morte. O miúdo estava a sair da minha casa, veio me ver, mas não falou comigo porque durmo cedo. Sair daqui para ir morrer. Ele normalmente telefona. Nesse dia não telefonou e, estando aqui, não me quis incomodar. Até agora não percebi a causa do acidente. Dizem que há um carro que o estava a seguir, que ele tinha muito dinheiro no carro, mas o que acho estranho é que ele fez acidente na Via Expresso - quem se ocupa dessa área é a Brigada Especial de Trânsito (BET) - encontramos o carro em Viana, não numa unidade policial. Quem levou o carro para lá? Ninguém nos fala nada. O acidente afectou-lhe a cabeça, partiu-lhe o pescoço, os dois pulsos e a bacia. O carro está bom, mas ele ficou muito afectado porque foi projectado para fora do carro. É triste, muito triste. Raramente choro, mas naquele dia chorei muito. Era muito miúdo. Os meus filhos é que deviam me

enterrar. Como é que eu é que enterrei o meu filho? Foi a minha maior tristeza”, lamentou o general.

Aponta, entretanto, o dia em que se casou como o maior motivo de alegria da sua vida. Conheceu a esposa na Tunísia, onde esta estudava medicina pediátrica. “Tornamo-nos amigos e eu disse a ela que estava apaixonado. Pedi-a em casamento, disse-lhe que queria conhecer os pais dela para nos casarmos. Fiquei na Tunísia mais anos que ela, mas quando voltei a Kinshasa procurei por ela. Tínhamos receio que os nossos pais não apoiassem a nossa relação porque ela é do Uíge e eu de Mbanza Congo. Naquela época isso não era permitido, mas eu convenci o meu pai, disse-lhe que ninguém podia escolher mulher para mim. No fim, concretizamos o nosso desejo, casámo-nos e já estamos juntos há mais de 40 anos. Nunca lhe bati, respeito-a e ela também me respeita. Somos amigos, conselheiros um do outro e aprendo muito com ela, tal como ela comigo”.



EMPURRAR A VIDA AO RITMO DO SAXOFONE

Quatro mestres do sopro

querem resgatar as raízes da música angolana

Encontrámos os virtuosos do sopro descontraídos no fim de mais um ensaio. Arrumavam tão cuidadosamente os saxofones nas pastas, com tanta intimidade e veneração, que era por demais claro que para eles não estavam a manusear simples instrumentos musicais: os gestos eram típicos de quem empurra a vida ao sopro do saxofone

Matadi Makola

De grande simplicidade no trato, foi Massy, um pouco a defender-se, numa acusação clara de como o mercado os sonogou, o primeiro a abrir conversa. Objectivo, tocou logo no âmago da questão: a razão do seu desaparecimento da cena musical.

Referiu que os instrumentistas de sopro foram relegados ao esquecimento um pouco por causa da introdução de instrumentos da classe dos teclados, e também pelo fim das chamadas bandas musicais, como “Os Jovens do Prenda”, “Os Merengues”, “Semba Tropical”, “Os Kiezoz”, “Instrumental 1º de Maio”, e por aí adiante.

Contudo, explica que ouvir um instrumento de sopro, embora o teclado tenha vindo com muita força, é sempre primoroso. Em reforço, pontua: “o teclado, em parte, substitui, mas o bom som é sempre único. Estamos aqui para dar um sinal de força aos poucos instrumentistas que persistem, apesar da negação do mercado”.

Massy é desses que já tinha perdido a esperança, não fosse o convite de Nanutu

para um novo começo, quem sabe decisivo. Aliás, já se tinha mesmo obrigado a “divorciar-se” do seu amado saxofone, companheiro de uma vida plena de doces e inebriantes momentos que marcaram a sua trajectória, de valor superlativo na sua passagem pelos “Jovens do Prenda”, comprovável ao acedermos, por exemplo, ao videoclip da música “Nova Cooperação”, onde aparece em destaque, num brio de encher os olhos e os ouvidos, pela qualidade e originalidade.

Efectivamente, deixou de tocar em 2002, mas não foi só o desaparecimento das orquestras e bandas que contribuíram muito para que se visse forçado a “esganar” o artista em si, foi também pela mágoa da humilhação recorrente, que nem sempre aturou de ânimo leve. Aguentou até não mais poder, ciente de que lutava por uma faceta da música que era necessário manter viva. Dos vários episódios tristes por que passou, partilha: “vi que havia uma certa injustiça, porque já fiquei em palco das 21 até às 5 horas da manhã, com apenas um intervalo de uma hora. E saí dessa actividade com menos de 50 dólares, quando

tivemos indivíduos que eu acompanhei e que tiveram menos de 15 minutos de palco a levarem mais de 500 dólares. Eu nunca engoli aquilo, porque os instrumentistas têm muito trabalho, além de assumirem as tarefas de arranjista”.

Muito sereno, de voz amena, Sanguito, já consumido pela vontade de intervir, alerta que muita música que ouvimos em muitos discos de angolanos, e até classificados como música angolana, é feita por estrangeiros. Não são os angolanos a fazer os naipes, normalmente solicitados a músicos de Portugal e de França.

Para si, a falta de instrumentistas acontece também por causa da febre de projectos imediatos. Receia que tudo um dia possa desaparecer, apesar de existir algumas bandas resistentes, como são os casos da “Banda Maravilha”, “Banda Movimento” e do reabilitado “Conjunto Angola 70”.

“As pessoas não estão a seguir as nossas pegadas, até que um dia partamos e sejamos estudados por via dos discos que um dia publicamos. Porque também não é só ouvir, é preciso limar, co-

mo é o caso da dikanza, que não é qualquer indivíduo que chega e toca. É preciso técnica e precisão, que estão em falta, como nos metais”, indica.



As pessoas não estão a seguir as nossas pegadas, até que um dia partamos e sejamos estudados por via dos discos que um dia publicamos. Porque também não é só ouvir, é preciso limar

Por outro lado, aponta uma dita “espécie de imposição” da música estrangeira, absorvida pela rapaziada de hoje, que segue preocupada com o que chama de “um mais um é igual a dois”. Explica: “Se for o nigeriano do house que está a bater, todo mundo vai atrás, esquecendo o que é nosso. Às vezes só lhes cai a carapuça quando

se deslocam para o exterior e se lhes coloca a seguinte questão: ‘mas o que é que estás a fazer, se cá já temos isso e muito melhor? Nós queremos ouvir o que é vosso’. E assim percebem o que é uma bandeira musical, a raiz da história de um povo vertida em música”.

Na sua opinião muito pessoal, Sanguito acredita que a onda crescente de popularidade global alcançada por Anselmo Ralph podia ser melhor aproveitada, caso este se visse vergado a fazer um som que na balança da originalidade acusasse mais a essência angolana, apesar de estar, ainda assim, muito bem encaminhado na faceta com a qual vai tentando conquistar outros mundos.

Sobre o que falta, precisa: “falta métrica na música angolana, isso nos distinguiria. Por exemplo, a África do Sul, como também a Namíbia, tem feito um grande trabalho nisso, na mestria elevada de certas figuras da cultura musical desses países. E tem graça que lá, onde se buscam essas ondas efêmeras, há rigor. Lembro que numa das minhas passagens por França, em meados da década de 1990, pude per-

ceber que já chegaram a proibir que as rádios passassem músicas plásticas, feitas apenas com teclado”.

Nanutu, agarrando a deixa de Sanguito, vê o problema nessa juventude que hoje diz fazer fusão, mas, no fundo, está a fazer confusão, e muitas vezes levando promotores de concursos a erros e causando discórdias entre músicos, tudo por haver registos de difícil classificação. Porque, explica, os autores não têm identidade, tanto que a qualquer adaptação não lhes custa nada chamar jazz.

Especificamente sobre Luanda, onde o afro-jazz está em voga, entendido como novidade da novíssima geração, Nanutu contraria o senso comum, dizendo que não se trata de nenhuma novidade repentina, porque já se fazia afro-jazz, e muito melhor, há mais de vinte anos.

Peremptório, sustenta: “não há nada de novo, e, pior, estão totalmente desprezados da nossa identidade. Por não haver bases, um alicerce que os suporte, é muito natural que surja a confusão. É preciso fazer recolha, chegar às raízes, e isso, naturalmente, poderá dar segurança para trilhar



em qualquer género. O problema é a falta disso. Vejamos, diz-se que se toca afro-jazz e mais, no entanto não têm sequer um instrumento de sopro, agora habitualmente substituído pelo teclado. Erro crasso: o jazz não precisa de teclado. Basta-lhe percussão, e depois entra o resto. Tem ainda a base africana. Mas, enquanto essa juventude não perceber isso e querer dizer fusão, vão sempre fazer confusão com essa pretensa fusão”.

O ano de 1985

Nanutu define o ano de 1985 como crucial para o entendimento da alteração que ocorreu no mercado musical angolano. Segundo defende, foi mais ou menos a partir de 1985 que a música angolana recepciona a introdução do teclado, por influência de um estilo musical chamado kumpá, que hoje é mais ou menos a rítmica do nosso semba cadenciado. O que se fez, conta Nanutu, foi introduzir no semba os teclados, para, supostamente, querer internacionalizá-lo. Um in-

tento desaconseguido: “não o internacionalizaram, o enterraram. O teclado fez a sua brincadeira e foi assim que nós fomos desaparecendo”.

Em consequência, frisa, o semba morre a partir de 1988/1989. Já com alguma alteração, só “ressuscita” de fora para dentro pelas mãos de Nanutu, Sanguito, Betinho Feijó, Semba Master e outros, tornando-se moda e conquistando a juventude. Entretanto, diz Nanutu, houve quem introduzisse novamente os ingredientes do kumpá, ainda a pensar erradamente que o semba não é dançante, e instalando novamente esta confusão que demora a dissipar-se.

A sua crítica não atinge toda a classe artística jovem, mas está direcionada a um grupo que tem acesso aos media e monopoliza a informação, levando a crer que são os donos da razão, quando, realça Nanutu, a razão está à vista, apontando como exemplo a música “Tita”, de Zecax, que foi muito consumida nas Antilhas. Segundo ele, a fama do “sucesso” da internacio-

nalização da kizomba pode ser uma grande mentira, e aponta o dedo aos media. Diz: “A media tem grande culpa, porque não dá espaço às pessoas nem proporciona condições aos jornalistas com sentido de pesquisa. Aprendi muito com o Rui de Carvalho, que em 1982/1983 me mandou ir à Biblioteca da Rádio Nacional e ouvir apenas música tradicional de recolha, acompanhado pelo Artur Arriscado, que ainda teve a amabilidade de andar comigo pelas províncias a fazer recolhas que pudessem preencher e formar a minha música. A verdade está estampada, basta ouvir algo como “Os Kiezoz”, que ela logo vem à tona. Nós não podemos falar apenas, temos de tocar. Porque até nos concursos estão confusos, não se sabe bem o que é semba e o que é kizomba, porque tudo tem excesso de teclado”.

Uma questão não menos importante: Nanutu espera que a relação com os produtores de espectáculos seja melhor aclarada, porque, refere, muitos não são em-

presários e sim pessoas que vão à busca de patrocínios em nome da cultura angolana, mas cortam os custos e procuram músicos estrangeiros que cobram abaixo da média do preço de artistas angolanos. Retira a culpa aos músicos e a deposita nos produtores, que, a seu ver, “utilizam toda esta trapaça em nome dos músicos”.

“Dizem que tocam afro-jazz mas não têm sequer um instrumento de sopro, agora habitualmente substituído pelo teclado. Erro crasso: o jazz não precisa de teclado, basta-lhe percussão e depois entra o resto”

Muito conciso, Franco recua a 1989, quando alimentavam a esperança de corrigir o desvio com a criação do agrupamento “Semba África”. Em termos de absorção

do produto musical, analisa que a própria internacionalização está presa à questão do reposicionamento da música angolana, e não descarta a riqueza rítmica que os instrumentistas de sopro podem ajudar a proporcionar. Aliás, retomando o exemplo de “Tita”, diz: “vimos que o Zecax, quando fez ‘Tita’, isso justamente em 1985, envolveu sopros. ‘Tita’ chegou a ser a música mais ouvida na América Latina e nas Antilhas. Os arranjos de sopro foram feitos por Nanutu e por mim, Franco”.

Unânicos, os quatro esperam que o projecto que agora levam a cabo venha a cobrir satisfatoriamente o vazio deixado pelo desaparecimento dos artistas de sopro. Por ser um projecto de reconstrução minuciosa da essência, reconhecem não estar completo e que muitos acertos poderão acontecer no decorrer do seu desenvolvimento, visando atingir grandes festivais do mundo, uma forma que acharam de colocar a essência (raiz)

musical angolana ao nível da globalidade, e não o contrário. Esse desiderato nasceu aquando da audiência que o Presidente da República, João Lourenço, concedeu aos artistas, em que endereçou palavras de encorajamento para que estes não vacilem na missão de dinamizar o nacionalismo cultural, não esquecendo os artistas de sopro, pedindo a estes que se reorganizem, por serem elementos decisivos na promoção e reeducação da música, muito fragilizada pelas modas, e talvez assim, desse modo, alcançar o binómio essência e universalismo, fundamental para a internacionalização do produto artístico. Por outro lado, servirá também de motivo para que Franco e Massy não mais voltem a “reformatar” o saxofone.

Contas feitas, o que está em causa não é só o simples sopro do saxofone. É, sobretudo, para estes quatro mwangolês (Franco, Massy, Nanutu e Sanguito), um sopro de vida.

“AREJADA E ASSEADA”

Uma montanha sem brilho

Na tasca mais próxima, foi tomar uma bebida que se parecia ao “usa bem”, kapuka da ponteira, feita de usambe (batata-doce em Umbundu). Precisava de diminuir o cansaço da marcha e puxar o calor que não vinha, mesmo andando debaixo de sol intenso.

Soberano Kanyanga

À frente do hotel em que estava hospedado, a Kamunda mostrava-se arejada e asseada. Árvores poucas, relva escassa mas cuidada, porquice nada!

Mangodinho recuou a fita e ficou a pensar na Ilha Seca do seu Zango III e ainda na sua Boavista do Sambila.

– Epá, esse mambo, se fosse na banda, era “bom sítio” para casitas de lata e aguardar pelo realojamento do Estado. Mas aqui nada. – Pensou.

Passeou o olhar à volta e viu a montanha grande, parecida com mesa, lá em cima, também toda sem brilho e sem lixo a transbordar como acontece na sua Table Mountain da Coreia, na Samba, cujo topo abre caminho ocular para a Ilha do Cabo, Chicala, Musulo e Ilha da Kazanga.

– Será que é por causa da ausência de casotas oportunistas de chapa? É que isso não brilha mesmo!

Na tasca mais próxima, foi tomar uma bebida que se parecia ao “usa bem”, kapuka da ponteira, feita de usambe

(batata-doce em Umbundu). Precisava de diminuir o cansaço da marcha e puxar o calor que não vinha, mesmo andando debaixo de sol intenso. Melhor, Mangodinho precisava era de “caloriar”, como ele apelida o suor.

Se pensas que vais me aguentar estás mal enganada. Vou te mostrar que antes dessa vida Mangodinho, que sou, eu já era vivo.

De espanto em espanto, viu ainda que na rua nenhuma dama andava com lata de gasosa na mão para cuspir.

– Nem só uma? Mas aqui as damas não cospem nem no chão nem na lata de gasosa?

Sorveu as últimas gotas do “usa bem” e limpou a boca.

– Quantué?

– What?

– Quantué?

– I don't understand you.

Lembrou-se que tinha falado português.

– How much?

– Nine, five.

Pegou na cédula de cem Rands e a estendeu à balconista. Esta, por sua vez, tardava em devolver o troco pensando ser “tip”. Já lá iam trinta minutos.

Mangodinho ficou a banzelar.

– Essa mboa não me traz o kumbu do troco, porquê? Xê, se pensas que vais me aguentar estás mal enganada. Vou te mostrar que antes dessa vida Mangodinho, que sou, eu já era vivo.

Aproximou-se à moça e puxou coragem. Pensou em português, traduziu ao péda-letra, soletrou as sílabas anglófonas e disparou:

– Misse, for other things, I can not speaking your language, but for money I can. Please, give me my change.

A moça, aprendiz de aguentadora, que já haviam feito suas contas para o after work, pôs mudança de recuo e entregou-lhe o kumbu.

– Fogo! Nessa vida é preciso ser viju. – Comemorou, pedindo mais um shot que apelidou de “usa bem” à moda angolana.



COMER EM CASA



Sopa de macunde

Ingredientes:

- 600 gr de feijão macunde;
- 2 batatas grandes;
- 2 cebolas;
- 1 folha de louro;
- 4 colheres de sopa de azeite doce;
- 1 colher de sopa de vinagre;
- 1 colher de sopa de salsa picada;
- 1 ovo cozido;
- sal e pimenta;
- água qb;

Preparação

Ponha o feijão de molho em água fria. Depois escorra a água e ponha o feijão na panela. Cubra com água e junte as batatas descascadas e cortadas em quadradinhos, assim como as cebolas cortadas finamente, a folha de louro e o azeite. Tempere com sal e pimenta. Leve ao lume e deixe cozer. Antes de servir, junte o vinagre, rectifique os temperos e polvilhe a sopa com salsa e o ovo picado.



Sopa de batata-doce com jimboa e arroz

Ingredientes:

- 600 gr de batata-doce;
- 2 dentes de alho;
- 150 gr de bacon;
- 150 gr de arroz;
- 200 gr de natas;
- 1 L de água;
- 1 molho de jimboa;
- sal;

Preparação

Descasque o alho e corte-o laminado. Descasque a batata-doce e corte-a em pedaços pequenos. Corte o bacon aos cubinhos. Leve ao lume numa panela com a manteiga. Depois deite os cubinhos de bacon, o alho e mexa até refogar. Adicione os pedaços de batata-doce e volte a mexer. Acrescente água na quantidade de sopa que deseja, junte a jimboa cortada previamente e tempere com sal. A meio da cozedura junte o arroz. Quando a sopa estiver pronta junte as natas e rectifique o sal.



Sopa de peixe

Ingredientes:

- 2 cenouras e 2 cebolas;
- 1 dente de alho;
- 1 ramo de coentros;
- 2 tomates maduros;
- 1 colher de sopa de azeite doce;
- 2 copos de vinho branco seco;
- pimenta em grão;
- sal, tomilho, folha de louro;
- 1 colher de funcho;
- 1 peixe grosso com a cabeça;
- água qb;

Preparação

Descasque os legumes, rale as cenouras, corte os alhos e as cebolas. Tire as peles e as sementes ao tomate e corte em cubos. Doure no azeite doce as cebolas e depois junte os legumes. Acrescente 1,5 litros de água e o vinho. Tempere com sal, pimenta, tomilho, folha de louro e funcho. Junte a cabeça e as postas de peixe grosso. Tape e deixe cozinhar o tempo suficiente. Retire a cabeça e as espinhas maiores. Triture e sirva.

DOMINGOS CADÊNCIA | EDIÇÕES NOVENBRO



DOMINGOS CADÊNCIA | EDIÇÕES NOVENBRO



DOMINGOS CADÊNCIA | EDIÇÕES NOVENBRO



O espaço reabriu há três anos, em novas instalações, mas com a mesma qualidade de serviço de cozinha e atendimento. A maioria dos clientes regressou. Entre eles, os de fim-de-semana. E vieram novos. O êxito alastra-se aos outros dias.

UNIDADE AFRICANA

No reino da burguesia impera o caldo do povo

No bairro Miramar há cerca de 15 anos um espaço onde impera a cozinha angolana, mas é o caldo do fim-de-semana que o torna famoso e junta pessoas de várias origens

Luciano Rocha

O nome – “Unidade Africana” – faz jus ao que serve todos os dias, praticamente desde a abertura ao fecho, num exemplo do que devia ser a restauração em Luanda.

O espaço tem também, naturalmente, pratos de outras paragens, alguns dos quais integrados nos hábitos da maioria de nós – bacalhau à lagareiro ou as variantes de picanha são exemplos –, mas os genuinamente nossos são “reis e senhores” entre todas as opções. Mais, ao fim-de-semana, o reconfortante caldo – “tónico retemperador” de vários males e eventuais excessos da noite – começa a ser servido logo de manhã antes do encontro com os lençóis para a recuperação completa das forças antes do tradicional almoço de família. Que pode ter outra vez como palco o “Unidade Africana” onde não é difícil encontrar parentes e amigos.

O restaurante, que já vai na “segunda versão”, abriu pela primeira vez as portas há cerca de 15 anos. Depressa se impôs. Pela qualidade da comida, atendimento, acima de tudo, ousamos afirmar,

do caldo (3.500 kwanzas). Verdadeiro, sublinhe-se, com todos os “quês e porquês”. Sem dar margem a reclamações.

No Miramar, desde sempre bairro da média e alta burguesia, toma-se o caldo do povo. “Atrevimento” do “Unidade Africana”. Garboso no asseio e qualidade do que serve

Mas, como refere o adágio, “o homem põe e Deus dispõe”. Um dia, Honorato Gomes, nado e criado no vizinho Bairro Operário, o homem que idealizou e pôs de pé o “Unidade Africana”, foi informado que o espaço ia ser integrado na requalificação da área onde se situava. Obras, em Luanda ou em qualquer parte do mundo, implicam sempre burocracias e transtornos. Foi exactamente isso que sucedeu ao restaurante em si, obrigado a encerrar por algum tempo, ao proprietário, a ter de fazer contas à vida, e aos clientes.

O “Unidade Africana” reabriu há três anos após estar encerrado aproximadamente dois. Em novas instalações, mas com a mesma qualidade de serviço de cozinha e atendimento. A maioria dos clientes regressou. Entre eles, os de fim-de-semana. E vieram novos.

O êxito alastra-se aos outros dias. Como comprovam os mais de cem almoços servidos de segunda a sexta-feira. Também aqui a cozinha angolana está sempre presente. Embora haja outras opções a preços dentro do razoável e praticados em casas de menor qualidade.

O “Unidade Africano” tem para os menos tempo para comer a lista de “Refeições Simples”, todas sem acompanhamentos e a 2.000 kwanzas: filetes, peixe frito ou grelhado, frango de churrasco e codornizes.

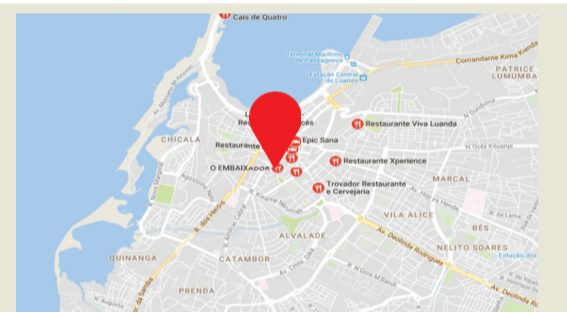
Ao fim da tarde, após a saída dos empregos, em período de esperar pelo des congestionamento do tráfego rodoviário, o “Unidade Africana” tem, entre outros pitéus, dobradinha (1.400 kwanzas), choco frito (3.000), moelas (1.400), prego no pão (1.000), codornizes e joaquinzinhos (1.500). Nestas alturas e com

estes acepipes a companhia pode ser um bem tirado fino branco ou preto (350).

Aos almoços, a água (250 kwanza, a garrafa de meio litros) impera como a companhia da comida. Para quem não tem de ir trabalhar de imediato, nem de conduzir, há vinhos tintos. Todos portugueses. O mais em conta, em termos de preços, é o “Duas Quintas” (1.500) e o mais caro (17.500), “Cartuxa”. Pelo meio, há, entre outros, “Serra de Azeitão” (4.500) e “Marquês de Borba” (6.500).

Os que não dispensam o uísque, principalmente à noite, quando o calor abrande, têm “Red Label” e “Famous Grouse”, ambos a 700 kwanzas, e “Black Label - 12 anos” e “Chivas”, qualquer um deles a 1.300. Os de gostos mais clássicos dispõem, como digestivos, do “1920”, “Macieira” e “Constantino, todos a 700 kwanzas e o “Antíqua” (900).

“Unidade Africana” não é, nem pretende ser, restaurante de luxo. Trata-se, no fundo, de uma esplanada coberta, mas onde o asseio salta a vista e come-se bem. Acima de tudo, inclui pratos da terra na lista diária. O que não sendo caso único é raro e merece vénia.



Localização

Praça da Unidade Africana, Miramar

Fundação 31 de Agosto de 2015

Telefone 912 641 131

Marcações sim



Horário das 12h00 às 21h30

(sem dia de encerramento)

matabicho: só aos finais de semana

almoço: a partir das 12h00

jantar: qualquer hora depois do almoço

Pratos pedidos caldo, calulu de peixe e de carne seca, mufete e peito alto



Lugares 102 pessoas (sala e esplanada)

Espaço para fumadores sim



Multicaixa

Sim



Televisão

Sim

Serviço

(☹ = fraco, ☹☹ = regular, ☹☹☹ = bom)



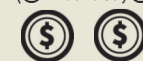
Qualidade da comida

(X = fraca, XX = regular, XXX = boa)



Preço

(\$ = barato, \$\$ = médio, \$\$\$ = caro)





www.bancobai.ao

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Senhores Accionistas do Banco Angolano de Investimentos, SA para a reunião da Assembleia Geral, que se realizará no dia 28 de Março de 2018 pelas 10h00, na sede da Sociedade, sito no Complexo *Garden Towers*, Torre BAI, Travessa Ho Chi Minh, Distrito Urbano da Maianga, Luanda, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Homologação da Acta da Assembleia Geral anterior;
2. Deliberação sobre o Relatório de Gestão e Contas e o Parecer do Conselho Fiscal referentes ao exercício de 2017;
3. Deliberação sobre a proposta de Aplicação de Resultados relativos ao exercício de 2017;
4. Proceder à Apreciação geral da administração e fiscalização;
5. Apreciação da declaração sobre a Política de Remuneração dos membros dos órgãos sociais aprovada pela Comissão de Remunerações;
6. Eleger os membros dos Órgãos Sociais para o quadriénio 2018-2021.

Nos termos do artigo 15º dos Estatutos, a Assembleia Geral é constituída por qualquer accionista com direito a voto, podendo fazer-se representar por cônjuge, ascendente ou descendente, administradores ou outro accionista, mediante carta dirigida ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, indicando o nome e domicílio do representante e data da assembleia, até oito dias antes da sua realização. As pessoas colectivas deverão comunicar ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, por carta registada com aviso de recepção, recebida até às 17H00 do penúltimo dia útil anterior à realização da assembleia o nome das pessoas que as represente.

Luanda, 24 de Fevereiro de 2018

Domingos de Assunção de Sousa de Lima Viegas
Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(100.033)

ARDINAS DISTRIBUIDORES LIVRARIAS QUIOSQUES

SAIBA COMO
COMPRAR E VENDER
JORNAL DE FORMA SEGURA

DIZ-NOS

QUANTOS DESEJA
E COMPRE AO PREÇO JUSTO
SEM INTERMEDIÁRIOS!

QUER MAIS INFORMAÇÕES?

☎ 926 569 076 / 923 336 616 / 923 659 623

🏠 Ou dirija-se às Edições Novembro
Rua Rainha Ginga 18 - Luanda



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela imprensa

JORNAL DE
ANGOLA

JORNAL DOS
DESPORTOS

JORNAL DE
ECONOMIA & FINANÇAS

JORNAL
CULTURA



www.intelligencediamond.com



Ação de Formação Diamond Mining

de 05 de Março a 10 de Março ▶ Lisboa

Aeroporto de Lisboa, Rua C, Edifício 124, Piso 2, Gab. 9
1700-008 Lisboa - Portugal

INSCRIÇÕES

formacao@intelligencediamond.com

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE-NOS ATRAVÉS DO Nº + 351 215 834 378



www.intelligencediamond.com

(3147)



EMPRESA PÚBLICA DE ÁGUAS, EPAL E.P.

CONTRIBUINTE Nº-5410001109

FACTURAS EM PAGAMENTO

A EPAL-E.P. Empresa Pública de Águas, comunica aos estimados clientes que está em pagamento a factura do consumo de água referente ao mês de Janeiro, bem como as facturas anteriores ao período em referência.

Efectue o pagamento da conta do consumo de água dirigindo-se às Agências e Postos Comerciais da EPAL-EP:

AGÊNCIA COQUEIROS RUA FREDERICH ENGELS Nº7	AGÊNCIA VALÓDIA RUA SEBASTIÃO DESTA VEZ Nº3	AGÊNCIA TERRA NOVA RUA DO MINHO
AGÊNCIA VIANA PROJECTO MORAR QF Nº3 LUANDA SUL	AGÊNCIA DO KILAMBA RUA AMILCAR CABRAL N 1988	AGÊNCIA MULEMBA RUA DA KIANDA, JUNTO AO IMBONDEX
AGÊNCIA DO CAZENGA RUA DOS COMANDOS JUNTO AO EX -EMBONDEIRO DO CAZENGA	AGÊNCIA CAMAMA BAIRRO DA SAPÚ, JUNTO A QUADRA G	AGÊNCIA MAIANGA RUA CMOTE GIKA
AGÊNCIA BENFICA RUA 1 BAIRRO KIFICA	AGÊNCIA ZANGO ZANGO I, JUNTO AO BFA	AGÊNCIA DE CACUACO POR DETRÁS DO COMANDO DA POLICIA DE CACUACO
POSTO COMERCIAL DA CIDADE DO SEQUELE NO INTERIOR DA ADMINISTRAÇÃO DA CIDADE DO SEQUELE	SUB AGÊNCIA DO KIFICA TRAVESSA Nº. 20 PRÓXIMO AO COLÉGIO NEVAL	POSTOS COMERCIAIS NOS SIAC'S CAZENGA, TALATONA, ZANGO
POSTO COMERCIAL DO SUPERMERCADO KERO CENTRALIDADE DE CACUACO	AGÊNCIA DO MULENVOS RUA DIREITA DOS MULENVOS (BREVEMENTE)	AGÊNCIA DO GOLFE POR DETRÁS DA ADMINISTRAÇÃO COMUNAL (BREVEMENTE)
	SUB AGÊNCIA DO NOVA VIDA RUA 53 DA URBANIZAO NOVA VIDA	

A factura do consumo de Água pode ser paga pelo MULTICAIXA ou nas Instituições Bancárias

BIC - 1906495150
BCI - 29688801001
BNI - 246550661001
BSOL - 204667291001

BPC - 0001-011012-012
BPA - 105231101
BPC - 000110112011
BCA - 15539411001

BCI - 29608801003
BFA - 434690330001
BAI - 82525910001

Direcção de Marketing e Comunicação da EPAL-E.P.
Luanda 09 de Fevereiro de 2018.

"ÁGUA É VIDA! DÊ VIDA À EPAL PAGANDO O SEU CONSUMO"

(3169)

“O RECENSEAMENTO MILITAR JÁ COMEÇOU”

DE 4 DE JANEIRO | **2018**
A 28 DE FEVEREIRO



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL

O Processo do Recenseamento Militar já começou em todo o País.

Se é Angolano do sexo masculino, nascido no ano 2000, faça já o seu Registo Militar obrigatório, na Administração Municipal ou Comunal da sua área de residência.

Se reside no Estrangeiro, dirija-se ao Posto Consular.

Ingressar nas Forças Armadas é cumprir o nosso dever para com a Pátria.



(1479)

centrooptico®
Você nunca viu nada assim

OS MELHORES PRODUTOS E SERVIÇOS,
CADA VEZ MAIS PERTO DE SI!

CONSULTAS E EXAMES DE:
OFTALMOLOGIA
OPTOMETRIA
CONTACTOLOGIA

PRODUTOS OFTÁLMICOS
MARCAS EXCLUSIVAS



Ao serviço da sua saúde ocular!

☎ 923 400 300
f /centroopticoangola

VENHA VISITAR-NOS NAS NOSSAS LOJAS:

ZÉ PIRÃO | GOLFE 2 | SAMBA | AEROPORTO

NOVA VIDA | VIANA | CACUACO | GAMEK | MUTAMBA

✉ geral@centroopticoangola.com 🌐 www.centroopticoangola.com

(400.030c)

ESTUDAR EM PORTUGAL

Idade de entrada - dos 6 aos 14 anos

Se deseja que o seu filho estude em Portugal, contacte-nos e saiba o que temos para lhe oferecer.

000351968446288
familialeaoferreira@gmail.com

(3109)



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E HABITAÇÃO
INSTITUTO GEOGRÁFICO E CADASTRAL DE ANGOLA
DEPARTAMENTO PROVINCIAL DO CUANZA-SUL

EDITAL N08/18
PROCESSO N 53-CS/17

Tendo, a **SOCIEDADE FLOR DO SUMBE-COMÉRCIO GERAL, LDA**, requerido a concessão do direito de superfície de uma parcela de terreno rural, com a área de 214 (Duzentos e Cartorze) hectares, para fins agro-pecuária, localizado no Farol-Barrote, Comuna do Quicombo, Município do Sumbe, Província do Cuanza-Sul, que feita à demarcação provisória a mesmo ficou com as seguintes confrontações. a NORTE com uma vala. a SUL com uma vala. a ESTE com a Estrada Nacional nº 100 (no troço Sumbe/Benguela) e a OESTE com a orla marítima.

São por este meio chamadas todas as pessoas que se julgarem com direitos a parte ou a totalidade ao mesmo terreno, a virem comprová-lo no Departamento Provincial do Instituto Geográfico e Cadastral de Angola, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste EDITAL.

Departamento Provincial do Instituto Geográfico e Cadastral de Angola do Cuanza-Sul, no Sumbe, aos 14 de Fevereiro de 2018.

O Chefe de Departamento
Bernardo Maneco

(3237)

EMERGÊNCIA POLICIAL

MUNICÍPIO DO RANGEL

N/O	Utente	Telefones	OBS
01	Comandante da Divisão	914041083	
02	2º Comandante	914041183	
03	Chefe de Operações	914041064	
04	Chefe da Investigação Criminal	914041273	
05	Comandante da 3ª Esq. (Pau da Cobra)	914041097	
06	Comandante da 6ª Esq. (Cidadela)	91401983	
07	Comandante da 8ª Esq. (Rangel - CTT)	914041293	
08	Chefe do Posto Policial da Precol	914041255	
09	Chefe do Posto Policial da Terra Nova	914041252	

A Polícia Nacional estará à sua inteira disposição.

113

NÚMEROS ALTERNATIVOS
912640753 / 912640734 / 912640778 / 912640773
912640749 / 912640738 / 912640758 / 912640777

Carimbos

Automáticos, Pockets,
Manuais, Canetas, Selo Branco
Tel: 945931220-992769799
vegapedidos@gmail.com

https://www.facebook.com/vegacarimbos/

Shopping Chamavo-Lj15aopédaescada

Carimbos

*Temos diversos revendedores em Luanda
contacte-nos.
(2704)

CANUDOS DE GRADUAÇÃO

FABRICAMOS E PERSONALIZAMOS EM ANGOLA

- Revestimento PVC Sintético
- Diversidade de Cores Disponíveis
- Decoração em dourado e prateado
- Personalização com a Logomarca da Faculdade/ Universidade / Colégio / Cursos

LIGUE: 939 187 252 | 946 387 408
dalprintstudio@gmail.com



(3115)

Em caso de emergência disque o terminal telefónico 113

A Polícia Nacional estará à sua inteira disposição



A CULTURA LUNDA TCHOKWE COMO BASE

Tiago Muachi pinta há meio século

O pintor, ex-militar que nasceu em Saurimo, na Lunda Sul, em 1953, defende o movimento artístico modernismo, em abstracto sobre tela, utilizando a técnica de pintar a óleo na sua obra, que não se restringe só a cultura Lunda Tchokwe

Guimarães Silva

Tiago Muachi Sachuma pinta há sensivelmente 50 anos. Em muitas das suas obras expressa a cultura Lunda Tchokwe, com a presença de máscaras, adereços, penteados, testemunho de que o artista tem preferência em apresentar na tela o primitivo, com a divulgação da identidade cultural da sua zona.

O pintor, ex. militar que nasceu em Saurimo, na Lunda Sul, em 1953, defende o movimento artístico modernismo, em abstracto sobre tela, utilizando a técnica de pintar a óleo na sua obra, que não se restringe só a cultura Lunda Tchokwe.

A fonte de inspiração: “a arte francesa e o renascentista Leonardo da Vinci que pintou os quadros Mona Lisa e A Última Ceia, pintadas a óleo, cuja técnica é considerada das mais tradicionais das artes plásticas”, adverte, acentuando que: “Com o desenvolvimento tecnológico dos

materiais, outras técnicas tornaram-se igualmente importantes como, por exemplo, a tinta acrílica. Diferencia-se do desenho pelo uso dos pigmentos líquidos e do uso constante da cor, enquanto aquele apropria-se principalmente de materiais secos”, dá a conhecer Tiago Muachi Sachuma que reúne o histórico de já ter pintado no antes e pós independência.

O artista desconhece o paradeiro de parte do acervo que pintou ao longo dos 50 anos de actividade. Contudo, é de opinião que está em diferentes locais, tendo em conta os clientes que adquiriram as obras, cidadãos de diferentes nacionalidades entre portugueses, russos, brasileiros, bem como nacionais. “Muitos dos meus quadros famosos foram vendidos por encomendas e leilões. Estão espalhados pelos cantos do mundo”, informa o pintor da Lunda Sul.

Ainda nesta linha, informa que: “No tempo colonial tive

quadros à entrada do museu do Dundo, já expus em Cabinda no “Fenacult” em 1989, na UNAP em Luanda, em Catoca e diversas unidades da região leste”, adianta, admitindo que “actualmente a Lunda Sul tem muitos artistas plásticos, que se encontram no anonimato, e que carecem de apoios, tal como eu. Não possuo um atelier, pinto na minha residência e actualmente conto comigo com mais de 60 quadros diversos. Necessito de apoios para apresentar alguns deles – as embaixadas, universidades e fora do país, para mostrar as potencialidades que Angola ostenta no campo cultural e de identidade nacional.”

Essência da pintura

O artista elucida que “A pintura refere-se genericamente à técnica de aplicar pigmento em forma pastoso, líquida ou em pó a uma superfície, a fim de colorir-la, atribuindo-lhe matizes, tons e texturas. Em sentido mais

específico, é a arte de pintar uma superfície, tais como papel, tela, ou uma parede (pintura mural ou frescos).”

“Não possuo um atelier, pinto na minha residência e actualmente conto comigo com mais de 60 quadros. Necessito de apoios para apresentar publicamente alguns deles”

Tiago Muachi Sachuma, que estudou artes e ofícios à distância no centro de ensino Álvaro Torrão Lisboa-1 Portugal, em 1974 a 1975 dando sequência, sempre por correspondência em 1979 no Instituto Universal Brasileiro em São Paulo, define como prioridade uma obra o mais ambiental possível, aconselhando para tal pes-

quisa, estudo, análise e exaltação da riqueza folclórica de um povo.

Sem rodeios, sublinha igualmente que: “Na pintura, um dos elementos fundamentais é a cor, considerada por muitos artistas como a base da imagem. A relação formal entre as massas coloridas presentes em uma obra constitui sua estrutura básica, guiando o olhar do espectador e propondo-lhe sensações de calor, frio, profundidade, sombra, entre outros. Estas relações estão implícitas na maior parte das obras da História da Arte e a sua explicitação foi uma bandeira dos pintores abstractos ou não-figurativos.”

A pintura, segundo o artista, é formada por um meio líquido, chamado médium ou aglutinante, que tem o poder de fixar os pigmentos (meio sólido e indivisível) sobre um suporte. A escolha dos materiais e técnica adequadas está directamente ligada ao resultado desejado

para o trabalho e como se pretende que ele seja entendido. Desta forma, sempre de acordo com o pintor Tiago Sachuma, que pretende criar um atelier para transmitir ensinamentos aos jovens para que a arte não morra, “a análise de qualquer obra artística passa pela identificação do suporte e da técnica utilizadas. O suporte mais comum é a tela (normalmente feita com um tecido tencionado sobre um chassis de madeira), embora durante a Idade Média e o Renascimento, o afresco tenha tido mais importância. É possível também usar o papel.”

Quanto a técnica utilizada, Tiago Sachuma revela que as mais conhecidas são a pintura a óleo, a tinta acrílica, o guache, a aquarela, a caseína, a resina o afresco, a cáustica e a têmpera de ovo. É também possível lidar com pastéis e crayons, embora estes materiais estejam mais identificados com o desenho.

Novelas



TEMPO DE AMAR Inácio decide voltar para o Brasil

Inácio ajuda Vicente, e Maria Vitória agradece-lhe. José Augusto pede que Maria Vitória cuide do seu casamento. Conselheiro beija Eva. Celeste percebe que Conselheiro está a agir de maneira diferente. Geraldo fica hospedado na pensão de Nicota. Justino fica orgulhoso do progresso dos estudos de Tiana. Inácio decide voltar para o Brasil. Angélica conta a Inácio, Henriqueta e Izabel que Delfina comprou as suas próprias terras. Tereza revela tudo o que Delfina fez contra Mariana. Carolina é informada sobre a morte de Emídio.

TV Globo, todos os dias, às 18h00



O OUTRO LADO DO PARAÍSO Sophia pede que Zé Victor vigie Mariano

Melissa decide aceitar a condição de Diego para manter o casamento. Patrick e Clara questionam Raquel sobre provas contra a idoneidade de Gustavo. Lívia revela a Gael que Sophia não é a sua mãe biológica. Gael confronta Sophia. Clara leva Laura para ver Mercedes, que faz uma oração para a menina. Xodó declara-se a Cleo. Leandra é presa como suspeita da morte de Rato. Melissa inicia o processo de divórcio de Diego. Isabel revela a Nádia que Diego não cumpriu com as suas obrigações conjugais. Renan declara-se a Elizabeth. Elizabeth pede que Renan a ajude a reaproximar-se de Adriana.

TV Globo, todos os dias, às 19 h00



DEUS SALVE O REI Afonso tenta convencer Rodolfo a conversar com Catarina

XAfonso consegue salvar Levi e Samara do incêndio. Virgílio fica furioso ao ver que Afonso está vivo. Catarina insinua-se a Afonso. Amália fica constrangida com a presença de Samara e Levi na sua casa. Augusto discursa, e declara aberto o torneio de Cália. Rodolfo decide participar o torneio, e Petrónio alerta-o. Amália observa Afonso, Samara e Levi. Catarina provoca Amália, que enfrenta a princesa. Tiago não gosta de saber que Amália reatou com Virgílio.

TV Globo, todos os dias, às 19h30

Filmes

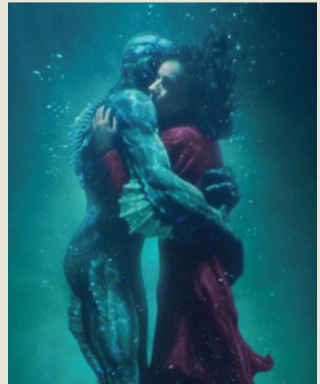
A Lenda de Tarzan



Tarzan trocou a selva pela vida civilizada e é agora conhecido como John Clayton e casado com Jane. Inesperadamente é convidado a regressar ao Congo, como emissário do Parlamento, desconhecendo que está a ser usado num plano de ganância e vingança.

**TVC1
Domingo, 11h**

A Forma da Água



A Forma de Água é uma fábula de outro mundo, passada na América de 1962, com a Guerra Fria em pano de fundo. No laboratório secreto de alta segurança do governo onde trabalha, a solitária Elisa (Sally Hawkins) está presa numa vida de isolamento. A vida de Elisa muda para sempre quando ela e a sua colega Zelda (Octavia Spencer) descobrem uma experiência secreta. A completar este magnífico elenco estão Michael Shannon, Richard Jenkins, Michael Stuhlbarg e Doug Jones.

CINEMAXI



Die Hard a Vingança

Um polícia e um comerciante são vítimas de um bombista que aterroriza Nova Iorque.

**TVC4
Domingo 11h05**

Mais pequenos



Dora a Exploradora - Dora no Reino das Sereias

A Dora e o Boots estão a apanhar lixo da praia quando encontram uma ostra mágica que lhes conta a história da sereia que perdeu a sua coroa e, com ela, os seus poderes para limpar o oceano. E qual não é o espanto da Dora quando encontra a coroa.

Hoje - 10h30



Nas Profundezas

A série segue a família Nekton, uma família de atrevidos exploradores subaquáticos que vivem a bordo de um submarino de ponta, The Aronnax, e exploram áreas inexploradas dos oceanos terrestres para desvendar os mistérios do fundo do mar.

Domingo, 11 de Fevereiro - 08h30



O Círculo de Amigos

HHippa hippa hey, canções e rimas, as descobertas do Oliver, o comboio correio, Tulli, choopies.

Hoje - 15h00



Chovem Almôndegas

Flint oferece a Sam uma máquina de fazer nuvens como prenda de "aniversário", mas o novo amigo de Sam não a deixa. A série "Chovem Almôndegas" tem lugar antes de a chuva de comida gigante cair sobre Cataratas de Engole.

Hoje - 11h35



Sabrina: Segredos de Uma Bruxa

Uma Magia Bem Real - Harvey pede a Sabrina que seja a sua ajudante no concurso de talentos enquanto faz truques de magia, mas ela não consegue resistir e acaba por intervir.

Domingo, 11 - 09h50

Jogo da Semana

Interclube x Sagrada Esperança



O jogo entre o Interclube e o Sagrada Esperança, da Lunda-Norte, hoje, às 16h30, no estádio 22 de Junho, no Rocha Pinto, em Luanda, é o destaque do seguimento da 4ª jornada do Campeonato Nacional Futebol 2018, Girabola Zap. Para a presente jornada, o Desportivo da Huila recebe, às 15h30, no Ferroviário, o Cuando Cubango FC, o Domant FC e o Progresso do Sambizanga medem forças no Dande, às 15h00, enquanto que neste mesmo período jogam, na Caála, o Recreativo local e o Sporting de Cabinda.

Séries

Here And Now



Ramon e Shokrani exploram a possível conexão psíquica entre o '11:11' e uma fotografia, no consultório médico. Kristen e Ashley metem-se em problemas e Duc recebe boas notícias sobre o manuscrito.

A Guerra dos Tronos



A Guerra dos Tronos segue a disputa pelo poder entre reis, rainhas, cavaleiros e traidores. Na terra onde o verão pode durar décadas e o inverno uma vida inteira, duas famílias envolvem-se num jogo mortal pela conquista dos sete reinos de Westeros.

Música



Jovitos e Kiezos no Muzongué

“Os Jovens do Prenda” e “Os Kiezos” abrem hoje, às 12h00, no Centro Cultural e Recreativo Kilamba, no Distrito Urbano do Rangel, com um concerto musical, a temporada anual do programa “Muzongué da Tradição”. O espectáculo desta primeira edição tem, igualmente, as participações dos instrumentistas Botto Trindade e Zeca Tirlene e dos cantores Zeca Moreno, Tony do Fumo Filho e Cristo, na qualidade de convidados.

Hoje, 12h00
Centro Cultural e Recreativo Kilamba

Rap no Rocha Pinto

Cantores de rap reúnem-se hoje no Rocha Pinto para uma manhã de música e debates sobre o estado actual do movimento hip hop. Os interessados deverão fazer uma singela contribuição financeira que será revertida para a Biblioteca Multicultural do Cazenga. O certame é animado por mais de 15 vozes, entre os quais constam Célio P, Afro Banza, Fiu Terra, RH do Rap, Messias Sobrevivente, Brutal MC, Dark Shot e Wazeze.

Hoje, 10h00
Bairro Rocha Pinto

“Calema” actuam em Benguela

A dupla de cantores santomense “Calema” é a convidada especial para o primeiro espectáculo do projecto “Mega Show Redes Sociais”, a ter lugar na sexta-feira, às 18h00, no Cine Kalunga, em Benguela. O concerto tem as participações especiais do Projecto X, Ready Neutro, Extremo Signo, Katalaya, Abiude e Sarissari e será precedido de uma festa, às 23h00, na discoteca Tchirinawa.

Sexta-feira, em Benguela
Cine Kalunga, as 18h00

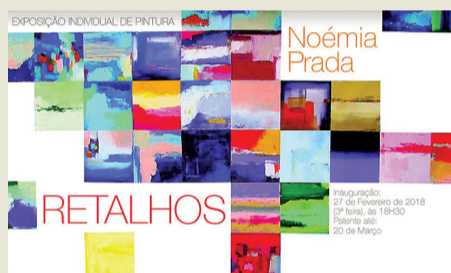


Artes plásticas

“Um dia por dia”
de Isabel Baptista

O Isabel Baptista inaugura, esta quinta-feira, no Centro Cultural Português em Luanda, a exposição de pintura e instalação “Um Dia Por Dia”, que fica patente até ao dia 22 de Março. A exposição, cheia de luz, cor e poesia, reúne uma instalação que evoca o universo feminino e 11 telas de grandes dimensões, em acrílico e massa de acrílico sobre tela de linho, com a qual a artista angolana pretende homenagear as mulheres do mundo. A artista foi a idealizadora e proprietária da Galeria Cenários, pioneira das Galerias de Arte no pós-independência em Angola e ponto de encontro obrigatório de artistas e escritores. Isabel Baptista nasceu em Luanda, onde fez os seus estudos em pintura na antiga Escola Industrial, no final dos anos 60.

Quinta-feira, 18h30
Camões/Centro Cultural Português



“Retalhos” de Noémia Prada

A artista portuguesa Noémia Prada reúne no Camões 14 obras inéditas de pintura e um políptico composto por 25 quadros de pequena dimensão. Todas as obras são inéditas e em acrílico sobre tela. A sua principal fonte de inspiração para este trabalho foram os azulejos e mosaicos portugueses, introduzidos na cultura portuguesa pelos árabes, no século XV. Ao lado tradicional do azulejo, a artista adicionou a modernidade da pintura abstracta. Para a artista, a exposição é “um painel imenso de cores, momentos e sensações. Um mosaico de movimento, um patchwork de emoções”. Noémia Prada nasceu em Viana do Castelo, em 1969. Apresentou trabalhos nos vários países onde se fixou, designadamente Polónia, Croácia, EUA e, actualmente, Angola.

27 de Fevereiro
Camões/Centro Cultural Português

Literatura



Encontro com Bendinho Freitas

Bendinho Freitas, autor do livro de poesia “Etnia Pitoresca das Palavras”, disponibiliza-se para uma conversa amena e informal, e que se espera produtiva para todos, com os leitores no Memorial Dr. António Agostinho Neto. Ele, que o poeta Carlos Ferreira “Cassé” considerou um exemplo de que “nem tudo está perdido para a literatura angolana escrita pelos novos autores”, é um dos escritores mais importantes que despontaram nos anos 1990. O evento está enquadrado no programa do Memorial “Textualidades, Conversas com Leitores”.

Quarta-feira, das 15 às 18h00
Memorial Dr. António Agostinho Neto

Cinema Em exibição

Black Panther

Actores: Chadwick Boseman, Michael B. Jordan, Lupita Nyong'o

Ano de Produção: 2018

Restrições: 14 anos

Género: Aventura

Realizador: Ryan Coogler



Sinopse: O filme da Marvel Studios “Black Panther” conta a história de T'Challa, que depois da morte do seu pai, o Rei de Wakanda, volta a casa, à nação africana isolada e tecnologicamente avançada, para subir ao trono e assumir o seu lugar como rei. Mas, quando um antigo e poderoso inimigo reaparece, a força de T'Challa como rei e Black Panther é testada, quando é atraído para um conflito que coloca o destino de Wakanda e do mundo em risco. É um exercício de Hollywood que, com actores negros e temática referente a África, faz o mesmo de sempre: o mais puro entretenimento voltado para a maximização dos lucros.

15:17
Destino
Paris

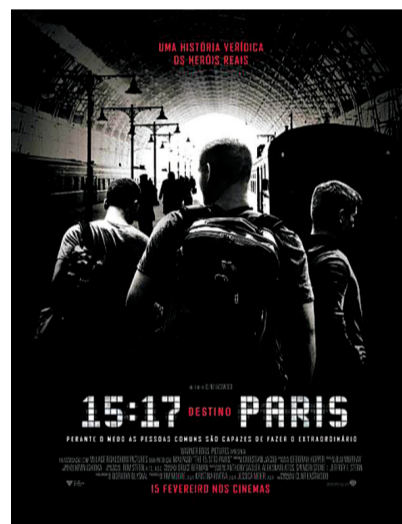
Actores: Alek Skarlatos, Anthony Sadler, Jenna Fischer

Ano de Produção: 2018

Restrição de idade: 12 anos

Género: Drama

Realizador: Clint Eastwood



Sinopse: Realizado por Clint Eastwood, “15:17 Destino Paris” conta a história verdadeira de três homens que se transformaram em heróis com um acto de coragem. Ao início da tarde de 21 de Agosto de 2015, o mundo assistiu em silêncio enquanto os meios de comunicação relatavam um ataque terrorista frustrado, ocorrido no comboio Thalys #9364 com destino a Paris. Um ataque evitado por três corajosos jovens americanos que viajavam pela Europa.

Patrulha
de Gnomos

Duração: 89 minutos

Actores: Aurea, Diogo, Piçarra

Ano de Produção: 2017

Restrição de idade: 6 anos

Género: Animação

Realizador: Peter Lepeniotis, Shelly Sheny



Sinopse: Forçada a mudar para uma velha casa decrepita e cheia de gnomos de jardim, Chloe descobre rapidamente que esta casa esconde algo importante. Enquanto está sozinha, depois da escola, Chloe e um vizinho abelhudo descobrem que os gnomos estão vivos!